

# Paralisação em quase todas as faculdades

Praticamente todas as universidades federais do País estão em greve. A luta pela melhoria salarial dos professores leva, entretanto, a algumas situações constrangedoras. Em Minas Gerais, 1.600 formandos que deveriam colar grau em julho estão impossibilitados de fazê-lo. O primeiro semestre da Universidade Federal de Santa Catarina — que deveria estar concluído no final da próxima semana — está praticamente invalidado. A Universidade Federal do Mato Grosso (caso a greve dos professores acabe na próxima semana) terá apenas 90 dias de ano letivo em cada semestre. E o segundo vestibular deste ano da Universidade Federal do Maranhão não será mais realizado.

A resposta do corpo docente à falta de verbas, aos baixos salários e à

ausência de autonomia das universidades, ao invés de solucionar o problema agrava a situação. Há universidades paradas há dois meses, como a UFPB. Outras não funcionam há 45 dias, como as do Pará e a de Alagoas. A Universidade Federal de Goiás não abre suas portas há 40 dias.

Algumas têm comprometido todo o trabalho de pesquisas e desenvolvimento de novas tecnologias. Em outras, os cientistas continuam, a duras penas, trabalhando na tecnologia de ponta. De um jeito ou de outro, as greves comprometem o aprendizado, uma vez que há uma interrupção na sequência do ensino, lembra o vice-reitor da Universidade do Espírito Santo, Carlos Coutinho Batalha. O pró-reitor de Gra-

duação da UFAL, José Lima, credita às greves não só à questão salarial: "salário é um dos pontos da questão, mas há que se ver ainda a falta de professores e a ausência de autonomia didático-pedagógica de cada universidade".

O secretário Edson Machado prefere voltar a meados da década de 70 para lembrar que, nesse período, começou a acentuar-se o movimento corporativista dos professores, engrossado pela SBPC e sua luta pela redemocratização do País, criação de novas entidades sindicais e fortalecimento das já existentes. Esse corporativismo espalhou-se pelo corpo administrativo das instituições e terminou na bandeira da "democratização da universidade", com a participação de todos no processo de escolha dos dirigentes.